

## **Aproximações entre a perspectiva religiosa de Viktor Frankl e a sete leis de Noé**

Approaches between Viktor Frankl's religious perspective and Noah's seven laws

*Renato Somberg Pfeffer\**

### Resumo

Tendo como referência Pentateuco e o Talmude, além de outras fontes bibliográficas, o artigo pretende estabelecer uma aproximação entre a perspectiva religiosa do psicoterapeuta Viktor Emil Frankl, que acreditava que o ser humano possuiria uma faculdade de significado superior que busca um sentido para vida, e as sete leis de bíblicas de Noé, que institui uma ética de mínimos universais por meio da qual a humanidade possa conviver em harmonia. Norteia o texto o princípio de que as tradições religiosas possuem um potencial de modelar a sociedade fomentando a tolerância e responsabilidade humana.

Palavras-chave: Viktor Emil Frankl. Leis noaicas. Sentido da vida. Responsabilidade humana.

### Abstract

Taking Pentateuco and the Talmud as a reference, besides other bibliographic sources, the article intends to establish an approximation between the religious perspective of psychotherapist Viktor Emil Frankl, who believed that the human being would possess a faculty of superior meaning that seeks a sense for life, and the seven biblical laws of Noah, which institutes an ethics of universal minimums through which humanity can coexist in harmony. The text is guided by the principle that religious traditions have the potential to shape society by fostering tolerance and human responsibility.

Keywords: Viktor Emil Frankl. Noahic laws. Meaning of life. Human responsibility.

---

\* Doutor em Filosofia, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Complutense de Madrid (2006). E-mail: [renatopfeffer@yahoo.com.br](mailto:renatopfeffer@yahoo.com.br).

## **Introdução**

As religiões poderiam ter uma relevância significativa para superação da atual condição humana fragmentada. Para que isso ocorra, no entanto, elas teriam que negar qualquer pretensão de universalidade e de legitimadoras de soluções políticas. Seguindo a perspectiva de Habermas (1990) que afirma que seria incoerente à razão comunicativa renunciar o potencial das tradições religiosas como modeladoras da sociedade, o presente trabalho defende que a tradição da bíblia hebraica é capaz de contribuir para construção de um novo paradigma de convivência humana. Nesse sentido, os textos sagrados dos hebreus ajudariam a fomentar a tolerância, fraternidade universal e a caridade em uma “modernidade desgastada” (Riesgo, 2010, p. 123).

Tendo como referência Pentateuco e o Talmude<sup>1</sup>, além de outras fontes bibliográficas, o artigo pretende relacionar a perspectiva religiosa do psicoterapeuta Viktor Emil Frankl (1905-1997)<sup>2</sup> e as sete leis de Noé que, de forma geral, condenam a idolatria, a blasfêmia, promiscuidade sexual, o roubo, o assassinio, o consumo de carne viva e exigem o estabelecimento de uma ordem legal<sup>3</sup>.

Em seu primeiro apartado, o texto discute a questão da religiosidade em Frankl que acreditava que o ser humano possuiria uma faculdade de significado superior que busca um sentido para vida. Na seção seguinte é analisado o fundamento bíblico de que homem foi criado como imagem de Deus e os princípios éticos derivados dessa ideia. Por fim, é realizada a tentativa de aproximação entre a ética noaica da Bíblia e o pensamento de Frankl.

### **1. A religiosidade em Viktor Emil Frankl**

Frankl (1946-2019) acreditava que ser humano possuiria uma faculdade de significado superior que lhe permitiria transcender psicologicamente qualquer situação da vida, seja ela positiva ou negativa. A essa faculdade superior do ser humano que busca um significado, Frankl deu nomes diversos: espírito, religiosidade inconsciente, instinto moral, necessidade metafísica, consciência. Segundo o psicoterapeuta austríaco, a consciência humana que busca a transcendência se distingue da vida egocêntrica do indivíduo que possui emoções, racionalidade e

necessidades físicas. Dessa forma, ele propunha devolver a integridade do espiritual à pessoa e desafiava o materialismo freudiano cuja obra demonstrou uma estranheza em relação à noção de alma (Cowen, 2015).

Entre os diversos fenômenos que permeiam a existência humana e a busca de um sentido para vida, Frankl destaca a importância do fenômeno religioso. Já no seu primeiro livro publicado em 1946 (*Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*), ele nomeia Deus como a providência que tem uma relação contraditória com o homem: apesar das intenções divinas com o ser humano, esse é livre para tomar suas decisões (Frankl, 1946/2003). Nesse diálogo, Deus fala com a humanidade na intimidade da consciência individual. “[...] Cada vez que o homem fala consigo mesmo com a máxima sinceridade e absoluta solidão, aquele a quem ele se dirige pode ser, legitimamente, chamado de Deus” (Corrêa, 2013, p. 5). Ou seja, a consciência, como um evento imanente, é um aspecto de um fenômeno transcendente. “A consciência é apenas o lado imanente de um todo transcendente, a parte que se projeta do plano da imanência psicológica, transcendendo esse plano” (Frankl, 1948-1993, p. 51).

Além de ser a providência que dialoga com o homem, Frankl identifica Deus com o sentido último ou supra-sentido que caminha a frente do ser (Frankl, 1946-2003). Fazendo alusão ao êxodo de Israel no deserto descrito na Bíblia onde Deus caminhava na forma de nuvem na frente do povo, Frankl afirma “É o sentido (último, o supra-sentido, na nossa formulação) que caminha à frente do ser, seguindo este último ao primeiro, arrastando consigo o primeiro a este último” (Frankl, 1946-2003, p. 103).

Compreender os caminhos de Deus é impossível ao homem que pode apenas intuir seus caminhos, pois ele é o ser em si. Embora Frankl (1948-1993) o apresente como pai, sua presença é escondida do homem. “O que caracteriza essa relação velada é uma religiosidade inconsciente, um relacionamento encoberto, imanente, embora muitas vezes manifestado pela fé” (Corrêa, 2013, p. 37). Deus é mas uma testemunha e um espectador que não se pode ver perante o qual o homem percebe que é responsável por suas ações e que deve buscar um sentido para sua vida. Tentar provar a existência desse espectador oculto é impossível, pois somente aquilo que pertence ao mundo, algo ôntico, pode ser provado. Deus, por sua vez, é absoluto e transcendente. Podemos apenas nos dirigir a ele e busca-lo pela fé.

“[...] Fé é criadora. Como fé pura que brota duma força interior, torna o homem mais forte” (Frankl, 1946/2003, p. 64).

Juntamente com o amor e da esperança, a fé permite que o sentido último seja alcançado, pois nela o homem transcende a racionalidade. Nos campos de concentração, Frankl vivenciou o ardor da fé nos cultos improvisados que confiavam na providência mantendo a esperança da libertação e o sentido da vida. Frente as limitações da racionalidade para compreender a brutalidade daquela experiência, muitos prisioneiros encontravam na fé um sentido último (Frankl, 1946-2019).

São muitos os que dizem que em Auschwitz a maioria das pessoas perdeu a fé. Isso não é certo. Não disponho de estatísticas, porém minhas experiências me permitem afirmar que, em Auschwitz, mais gente recuperou sua fé e mais pessoas a fortaleceu – por suposto, apesar de Auschwitz – que quantos ali a perderam. Portando, havia de deixar definitivamente de recorrer com ligeireza à fórmula “depois de Auschwitz” no contexto da possibilidade de crer e começar a falar de uma fé apesar de Auschwitz (Frankl; Lapide, 1984/2005, p. 82).

Comparando as religiões com os idiomas, Frankl afirma que “[...] ninguém tem o direito de considerar sua língua materna como um idioma superior a todos os outros, pois em qualquer idioma o ser humano pode ser aproximar da verdade [...]” (Frankl, 1948-1993, p. 111). Assim também são as religiões: podemos encontrar Deus em qualquer uma delas. Não crendo na superioridade de uma sobre outra ou em uma religiosidade universal, ele afirma que o “ser humano pode chegar-se à verdade – à mesma verdade una” e “por meio de qualquer religião ele pode encontrar Deus, o Deus uno” (Frankl, 1948-1993, p. 79). Sendo um fenômeno humano, a religião é a realização de uma vontade de sentido último e não apenas um produto de motivações inconscientes.

Apesar da diversidade religiosa apontada por Frankl, no entanto, existem nas religiões elementos comuns e, por isso, ele acreditava que humanidade estivesse caminhando para uma “religiosidade pessoal profundamente personalizada uma religiosidade a partir da qual cada um encontrará sua linguagem muitíssimo pessoal, sua linguagem própria, mais originalmente sua, ao voltar-se para Deus” (Frankl, 1948/199, p. 78). É essa religiosidade que proverá o homem de segurança e não poderia ser desconsiderada, pois ela é existencial e possui um caráter de decisão.

Mais do que algo instintivo do ponto de vista psicanalítico, a religiosidade é imanente no ser humano que busca uma relação inconsciente com o transcendente. Frankl afirma que, “embora de forma inconsciente, teremos sempre uma relação intencional com Deus” (Frankl; Lapide, 1984/2005, p. 116) que é reprimida e o oculta da própria humanidade. Configurada de forma espontânea em um determinado contexto cultural, a religiosidade é um potencial humano “a partir do qual cada um de nós pode encontrar sua linguagem pessoal ao se dirigir a Deus.” (Frankl, 1948-1993, p. 112). Existindo em potência, ela é algo pessoal que exige que o homem se arrisque na busca de Deus. Por outro lado, a pessoa irreligiosa ignora a possibilidade da transcendência da consciência.

A religiosidade é algo potencial e pessoal, e não possui nenhuma relação com a coletividade, visto que está atrelada à dimensão mais íntima do ser humano. Por isso, o homem intelectual da atualidade, que cresceu sob a sombra de uma visão naturalista do mundo e do ser humano, não precisa envergonhar-se de sua experiência religiosa, pois ela se configura no seu interior (Corrêa, 201, p. 44).

Diante do absoluto que não permite uma relação direta e que é irresistível, a humanidade vivencia sua fragilidade e, de forma contraditória, expressa seu potencial. O otimismo frankliano frente à potencialidade do indivíduo aponta para a possibilidade do ser humano, por meio da religiosidade, superar a desesperança e resistir, mesmo que ela não possa modificar seu destino. Indo em direção da autotranscendência e encontrando-se consigo mesmo em sua intimidade, é possível alcançar a plenitude da vida vinculada à consciência, à liberdade e à responsabilidade (Guberman; Soto, 2006).

Ser livre significa para Frankl tomar uma posição frente aos desafios da vida e decidir como sentir a realidade, mesmo diante de um contexto que pode parecer imutável. “O homem é livre em sua facticidade e é livre para se converter responsabilmente em algo diferente do que é” (Guberman; Soto, *apud* Corrêa, 2013, p. 52). Responsabilidade, por sua vez, é a capacidade da pessoa livre se posicionar e responder a si ou a outro quando desafiado pela vida. Autotranscendência, liberdade e responsabilidade, portanto, fazem da pessoa uma unidade unitária e múltipla simultaneamente, um ser superior à sua dimensão biopsicossocial e a inclui (Frankl, 1946-2003).

Partindo da constituição biopsicossocial do humano, Frankl encontra nas capacidades do seu espírito uma dimensão que lhe possibilita descobrir o sentido

da vida, um sentido que não é dado, e sim descoberto em cada enfrentamento da vida (Frankl, 1946-2003). A religiosidade seria uma das diversas possibilidades para se descobrir esse sentido, ao lado da

Dedicação a um trabalho, amor a uma pessoa ou a uma causa valorosa, bem como a contemplação de uma obra de arte, a apreciação de uma canção, o vislumbrar do pôr do sol, a condição de desafio pelo sofrimento e, inclusive, a dedicação a Deus (Corrêa, 2013, p. 52).

Essas possibilidades significam a realização de valores, sejam eles os de criar algo, de vivenciar experiências ou, ainda, de ter a atitude de modificar sua posição em relação às situações que causam sofrimento à pessoa. Frankl considera o homem um ser aberto a certas experiências que tocam sua dimensão mais profunda e a experiência religiosa é uma das oportunidades para descobrir o sentido da vida.

A experiência religiosa é uma experiência de preenchimento do vazio que habita o ser humano. Embora não utilize do conceito “experiência religiosa” em suas obras, Frankl menciona que existe no ser humano um potencial que brota espontaneamente e se configura a partir de contextos religiosos e culturais denominado religiosidade (Corrêa, 2013, p. 53).

A religião, como potencial que brota de forma espontânea, que inclui um envolvimento com tradições religiosas e que envolve uma decisão existencial, pode dar ao homem um sentimento de segurança remodelando o âmbito secular. Mesmo não sendo instintiva, existe para Frankl uma religiosidade inconsciente, oculta, que pode ajudar a humanidade em sua caminhada. Deus se tornaria, assim, a voz íntima da consciência que fala ao homem, e lhe permite se posicionar de forma livre e responsável em busca de um sentido. Em busca do seu dever ser, a humanidade vai além de sua compreensão racional por meio da transcendência buscar suas possibilidades de realização e sentido último.

## **2. “Porque Deus fez o homem à sua imagem” (Torá Viva, Gn 9.6).**

Dentro do vasto legado ético das escrituras hebreias, a busca de uma ética de mínimos universais por meio da qual a humanidade possa conviver em harmonia pode ser inspirada, em especial, na teologia Noaica. De forma geral, as leis de

Noé Essas leis são derivadas de diversos versos do livro bíblico de Gênesis (Torá Viva, 2000) e discutidas no tratado talmúdico de Sanhedrin (56b).

Sendo criado como imagem de Deus, todo ser humano deveria imita-Lo por meio da execução das leis ordenadas divinamente a Noé. As dez gerações que separaram Adão de Noé foram marcadas pela ocultação da imagem divina e Noé deveria ter tido o papel de redimir a humanidade, porém, isso não ocorreu (Bunim, 1998). Sua arca, por outro lado, representa o ideal da uma humanidade redimida. As dez gerações posteriores a Noé até o nascimento de Abraão também foram obscuridade espiritual. Ao contrário de Noé, no entanto, Abraão pode redimir as gerações precedentes por meio do ensinamento e prática das leis de Noé permitindo o refinamento do mundo (Cowen, 2015). A descendência de Abraão conservou a teologia de Noé que foi completada no Sinai, onde de acordo com a Bíblia (Torá) e a tradição rabínica, o povo judeu recebeu a lei escrita (Pentateuco) e a lei oral (esclarecimento da lei escrita). As gerações posteriores, principalmente por meio da hermenêutica, buscaram um alinhamento contínuo com a revelação divina do Sinai.

A visão ética do mundo expressa pelas leis de Noé pode ser analisada sob diferentes perspectivas: teológica, sociológica, filosófica, psicológica, entre outras. A discussão do artigo passa apenas pelo fundamento das leis noaicas que é a ideia de que a alma humana foi feita à imagem de Deus. Não possuindo a alma um conhecimento cognitivo de Deus, a alma humana reconhece intuitivamente os atributos divinos e busca imitá-los por meio de leis concretas derivadas da tradição abraâmica, iniciada por Adão e Noé e reiteradas na revelação do Sinai.

O princípio bíblico que afirma ter sido o homem criado como imagem de Deus implica que o ser humano se reveste de um caráter único. Essa paternidade comum da humanidade faz com que todo ser humano seja portador de um valor irreduzível e inviolável, o que o torna merecedor de dignidade e respeito. A consequência ética dessa ideia é que devemos emular Deus (*imitatio Dei*). Como é afirmado no tratado de *Shabat* do Talmude babilônico: “Assim como Ele é compassivo e misericordioso, você também deve ser compassivo e misericordioso” (*Shabat* 133b, tradução do autor)<sup>4</sup>. Os elementos de divindade presentes em nossas almas devem ser imitados: piedade, bondade, justiça, empatia.

A alma é a portadora do espiritual no ser humano e é responsável por algo que está além da pessoa. Pessoas com consciência religiosa fundada na bíblia chamam esse algo de Deus. A alma, o elemento divino presente na humanidade, não pode ter sua existência demonstrada empiricamente, por isso, o sábio talmúdico Rabi Akiva (40-135 e. c.) afirma que o texto bíblico revela ao ser humano seu “caráter divino” (*apud* Bunim, 1998, p. 184). Essa alma divina obriga o ser humano ser altruísta, ou seja, cuidar um do outro. Não basta dar caridade, devemos também encorajar, animar e declarar nosso amor ao outro. Somos mais que os demais animais ou um acidente biológico, o que significa que temos responsabilidades recíprocas.

O que faz a humanidade única na natureza e semelhante a Deus não se restringe à racionalidade, à capacidade criativa ou à reflexão sobre si mesma e sobre seu destino. Os demais animais têm uma característica dominante e sua natureza impede que ele expanda sua personalidade ou habilidade. O ser humano, ao contrário, pode escolher ter várias habilidades e virtudes simultaneamente. Ele pode ser corajoso, modesto, leal ou covarde, orgulhoso, desleal. Essa ambivalência gerada pela ausência de um instinto inato está na origem das ansiedades e dúvidas humanas.

Em suma, ao contrário das demais espécies, o ser humano é livre para limitar ou expandir suas ações, aceitar ou rebelar-se contra seus instintos. É essa a base principal de superioridade humana sobre os demais animais e faz com que eles temam o homem (Torá Viva, Gn 9.2). Afastar-se dessa imagem divina torna a humanidade um animal como os demais.

Isso significa não significa, porém, que os elementos divino e o animal no ser humano sejam contraditórios e irreconciliáveis. O filósofo medieval Maimônides (*apud* Bunim, 1998) defende que mesmo quando o humano age instintivamente, a porção divina, representada pela alma, atua. O próprio filósofo faz uma analogia com três quartos de uma casa que são iluminados com fontes de luz diferentes (sol, vela, lua): apesar dos três quartos estarem iluminados, a qualidade dessa luz é distinta. “Como a imagem Divina se expressa em todas as atividades, então todas as atividades devem ser dotadas e permeadas de santidade” (Bunim, 1988, p. 182).

As ideias expostas nesse texto, defendidas pelo sábio Akiva, contrastam com as de outro pensador do início da era cristã chamado Acaviá Ben Mahalalel: esse

último retrata a patética e triste condição humana: “de onde vieste? De uma gota fétida. Para onde vais? A um lugar de pó, de vermes e teredos” (Acaviá bem Mahalalel *apud* Bunim, 1998, p. 128). Partindo dessa ideia, Acaviá explica a ansiedade, falta de alegria e confiança da humanidade. A única saída, afirmava, era evitar o pecado e esperar a graça divina. Akiva, ao contrário, fortalece a autoestima e confiança humana dado que fomos criados à imagem de Deus.

Como é típico nas discussões talmúdicas, não existe um enfoque correto. Na verdade, a diferença está na ênfase a elementos distintos, adequados a pessoas com temperamento diferentes. No pessimismo de Acaviá enfatiza-se o sentimento de culpa e se desnudam debilidades humanas com objetivo final de nos colocar no caminho da divindade. O otimismo de Akiva, por sua vez, destaca a alegria e o entusiasmo para nos aproximar de Deus. “Ambos os caminhos conduzem à fé e a adoração” (Bunim, 1998, p. 184) fundamentais para realização do propósito humano: transformar o mundo em um lugar onde Deus habite de forma revelada. É justamente nesse sentido que as leis de Noé seriam um guia para a humanidade.

### **3. Frankl e a discussão das leis de Noé**

O ser espiritual presente no ser humano apontado por Frankl, em termos de teologia noaica, seria responsável por orientar a mente para o reconhecimento e imitação do divino. Ou seja, orientado pela alma, o intelecto se dirige a um conhecimento superior fazendo do homem uma imagem de Deus. Essa instância suprema, que grande parte da humanidade chama de Deus e se manifesta no homem por meio da alma, chama o homem à responsabilidade, o que é um ponto central da análise existencial frankliana. Sendo a existência espiritual autônoma no homem, isso o torna um ser responsável. Em suas dez teses sobre a pessoa, Frankl (1972/2008) afirma a existencialidade não em termos de sua facticidade, mas de acordo com sua responsabilidade. Ser pessoa é mais do que ser livre, é ser responsável pelas decisões que se toma ou se deixa de tomar.

Nessa perspectiva, em relação ao problema existencial do sentido da vida não é o homem que busca respostas; ao contrário, é a vida que lhe questiona exigindo respostas e compromissos no aqui e agora. Frankl descreve, portanto, o drama da existência que torna o homem responsável a cada momento por suas decisões. Frente às múltiplas possibilidades da vida, cabe a ele decidir quais virão a ser e quais serão relegadas a não existência.

A vontade livre do homem tem como contraponto a responsabilidade. Poder e dever ser são complementares na transição das potências em atos durante a vida. Frankl acredita que uma vida com sentido depende da compreensão de caráter de missão por parte do ser humano. Esse sentido pessoal, por sua vez, só se concretiza no ato de transcendência de si mesmo. Ou dito de outra maneira, se o homem quer chegar a ser ele mesmo, ele deve se responsabilizar pelo mundo que está além dele próprio e de suas necessidades.

A responsabilidade humana está vinculada a um mundo de valores que leve o homem a algo superior, fazendo prevalecer o espiritual sobre o material. Isso inclui os valores universais das grandes tradições religiosas, entre elas o monoteísmo ético derivado da Bíblia e, em especial segundo Cowen (2015), das leis de Noé.

Mesmo as pessoas não religiosas que ignoram a transcendência da consciência, segundo Frankl, possuiriam uma espiritualidade inconsciente que pode vir a emergir quando ela se questionar sobre o motivo de sua existência, de modo que “com efeito, também o ser humano irreligioso tem consciência, assim como responsabilidade; apenas ele não questiona além, não pergunta pelo que ele é responsável, nem de onde provém sua consciência” (Frankl, 1948-1993, p. 51).

A consciência, portanto, não é a instância final perante a qual o ser humano deve ser responsável. Na busca de sentido, é necessário ir além e “somente a pessoa religiosa assume esse risco” (Frankl, 1948/1993, p. 52). Esse ir além religioso não passa por investigações filosóficas operadas pela razão, pois a existência de Deus não é um dado empírico. Deus não está no campo de ôntico onde a razão opera, e sim no ontológico (metafísico). O acesso a essa dimensão mais elevada pelo homem religioso que busca um sentido para vida passa pela fé.

Sendo a crença em Deus não cognitiva, ela pode ser expressa como um tipo de visão como a que apareceu ao profeta Daniel (10.7). Nem todos que estavam com o profeta perceberam conscientemente a visão e acabaram fugindo<sup>5</sup>. O que importa, na verdade, é que essa raiz espiritual que está em todo ser humano (de forma consciente, ocasionalmente consciente ou inconsciente) reconhece de alguma forma a divindade e pode levar a pessoa a dar respostas a ela imitando o divino.

Na última de suas dez teses sobre a pessoa, Frankl (1972-2008) afirma que a transcendência é ouvida pela consciência. Isso permite ao homem a compreender

a si mesmo e ultrapassar-se. Só entendendo-se como semelhança e imitando Deus, a pessoa se faz pessoa. As leis noaicas emulam os atributos divinos a serem imitados. O misticismo judaico (*Cabala*) chama essas qualidades de *sefirot*, sendo elas responsáveis por modelar ordenar a criação<sup>6</sup>. Segundo Maimônides (1998) essas são características das ações de Deus e não inerentes à Sua essência, pois os seres criados não são capazes de descrever o criador por ele mesmo.

Os atributos transcendententes da alma referidos podem adquirir uma expressão profana ou sagrada quando em contato com o mundo da ação humana<sup>7</sup>. Ocorre, uma luta entre o espiritual e o animal no ser humano: o intelecto tentando modelar os atributos humanos ao divino *versus* o egocentrismo animal tentando conquistar o intelecto. A prática dos mandamentos bíblicos pelo ser humano, em particular as leis de Noé, têm por propósito dominar a natureza humana convertendo-a em expressão divina (Cowen, 2015). Modelada pelo divino, a humanidade poderia em termos de conduta concreta construir uma sociedade harmoniosa tanto nas relações do homem com Deus como entre os seres humanos.

Como dito anteriormente, a imitação de Deus encontra sua expressão nas leis noaicas. Adão, Noé e os patriarcas intuíram a vontade divina ante da revelação do Sinai, onde, de acordo com a Bíblia, Moisés recebeu a lei e a comunicou a toda humanidade. *L'dor Vador* (de geração em geração) esse conhecimento chegou até o presente<sup>8</sup>. As leis de Noé foram elucidadas não apenas pelos profetas, pelo Talmude ou por outras tradições monoteístas: também a alma humana confirma por experiência esses princípios universais (Cowen, 2015).

As leis de Noé, no entanto, vão além das concepções modernas e seculares de liberdade humana. Mais do que *liberdade de*, as leis noaicas representam a *liberdade para* realizar as normas divinas. Enquanto a *liberdade de* poderia significar a não restrição dos desejos humanos, a *liberdade para* originada na alma exige do homem a imitação de Deus.

Frankl (1994), aproximando-se da teologia noaica, entende que o verdadeiro sentido da liberdade se relaciona à submissão livre da vontade a uma lei. A liberdade, portanto, exige uma ligação com uma ordem superior que nos torna responsáveis pelo outro e pelo mundo. Essa responsabilidade incide sobre cada pessoa e sobre a humanidade como um todo, o que exige da humanidade denominadores comuns quando se fala de uma vida vivida com dignidade. Sendo a humanidade

autotranscendente, ela deveria dar um novo passo para alcançar esses valores comuns:

[...] Se a humanidade quer encontrar um significado válido para todos, deve dar um novo passo. Depois de ter alcançado, milhares de anos atrás, o monoteísmo, fé em um Deus, deve passar a acreditar em uma humanidade. Hoje precisamos mais do que nunca um monantropismo (Frankl, 1994, p. 50, tradução do autor).<sup>9</sup>

O monantropismo de Frankl, que advogava uma unidade humana que ultrapassava as diversidades, amplia a análise existencial para uma dimensão global e está em consonância com a ética de Noé, pois ambas se fundam na fé na humanidade.

## **Conclusão**

A racionalidade científica moderna foi marcada por valores seculares e pela legitimação do poder do Estado fundado em um modelo legal-burocrático. Permeava o pensamento Iluminista uma confiança, quase irrestrita, às ilimitadas capacidades humanas. Nos séculos seguintes, o otimismo ilustrado entrou em crise, entre outros, devido ao recrudescimento do individualismo, do aumento dos desequilíbrios ecológicos, da violência e da persistência das relações de desigualdade nos campos do poder, conhecimento e economia. O pragmatismo da ciência moderna, que deixou em segundo plano a reflexão sobre princípios éticos, acabou deixando patente suas limitações.

Este artigo defende que as religiões, entre elas a tradição noaica bíblica, possuem um potencial irrenunciável para harmonizar a convivência humana na atual sociedade secularizada denunciando as injustiças e a desumanização. As religiões que abdicam de sua pretensão de universalidade e se baseiam no amor ao próximo têm muito a contribuir para estimular a tolerância e a fraternidade. Sem abdicar o ideário democrático e crítico do Iluminismo, o texto defende a superação da unidimensionalidade positivista e uma abertura a outros níveis de simbólico que estão presentes religiões na medida em que essas buscam um sentido último para a vida.

Em consonância com o pensamento frankliano, o texto afirma que o ser humano é arbitrado por um aspecto elevado do eu que é portador do espiritual e busca significado. Sem essa consciência superior não é possível determinar as

consequências do que se deve suportar, quando e porque resistir ao prazer e a dor, qual conduta se deve ter para alcançar uma boa vida. Frente aos dilemas éticos que todo ser humano enfrenta na vida, cabe a ao espírito determinar os critérios do agir orientados por essa lei superior.

Segundo Frankl, esse ser espiritual que habita no corpo é o responsável por orientar a mente humana para um conhecimento superior e tornar o homem uma imagem de um Deus que chama o homem à responsabilidade e que faz com que os valores espirituais prevaleçam sobre a materialidade. A responsabilidade se vincula a valores que podem ser encontrados nas tradições religiosas fundadas na tolerância e solidariedade, entre elas, a tradição noaica bíblica.

As leis noaicas, assim como a religiosidade no pensamento de Frankl, partem do princípio que sentido real da liberdade humana é a submissão livre à vontade a uma ordem superior que nos obriga a ser responsáveis pelo outro. Ao se autotranscender, a humanidade ultrapassa as diversidades e reforça sua fé em si mesma. Se o ser humano é a imagem de Deus em sua essência, pode se tornar uno em sua existência partilhando projetos que objetivam reconquistar a unidade perdida no mundo contemporâneo.

### **Referências bibliográficas:**

- BINDMAN, Y. *The seven colors of the rainbow*. San José, California: Resource Publications, 1995.
- BUNIM, Irving M. *A ética do Sinai: ensinamentos dos sábios do Talmude*. São Paulo: Editora Sêfer, 1998.
- COWEN, Dovid. “La teoría y la práctica de la ética universal: las leyes de Noaj”. 2015. Traducción: María Sánchez Varón. Disponível em: [https://es.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/4412348/jewish/La-teora-y-la-prctica-de-la-tica-universal-las-leyes-de-Noaj.htm](https://es.chabad.org/library/article_cdo/aid/4412348/jewish/La-teora-y-la-prctica-de-la-tica-universal-las-leyes-de-Noaj.htm).. Acesso em 30 de Outubro de 2019.
- COWEN, Dovid. The concept of a person: reflections on Judaism and psychotherapy. *Journal of Judaism and Civilization*, v. 1, 1998, p. 28-30.
- CORRÊA, Diogo Arnaldo. *A concepção de religiosidade na obra de Viktor Frankl*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 2013.
- FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.
- FRANKL, Viktor E. *El hombre dolente: fundamentos antropológicos de la psicoterapia*. Barcelona: Herder, 1994.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial* [1946]. 4ª ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, Viktor E. *La voluntad de sentido: conferencias escogidas sobre logoterapia*. Barcelona: Herder, 2008.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* [1946]. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

FRANKL, V. E.; LAPIDE, P. *Búsqueda de Dios y sentido de la vida: diálogo entre un teólogo y un psicólogo* [1984]. Barcelona: Herder, 2005.

GUBERMAN, M.; Soto, E. P. *Dicionário de Logoterapia*. Lisboa: Paulus, 2006.

HABERMAS, J. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MAIMÔNIDES. *Guía de Perplejos*. Madrid: Trotta, 1998.

MAIMÔNIDES. *Mishné Torá: o livro da sabedoria*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

RIESGO, Manuel Fernández del. *Secularismo ou secularidade? El conflicto entre el poder político y el poder religioso?* Madrid: PPC, 2010.

TORÁ VIVA. Tradução por Adolfo Wasserman com anotações do Rabino Aryeh Kaplan. São Paulo: Editora Maayanot, 2000.

TRATADO DE SANHEDRIN 93b. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Sanhedrin.93b>. Acesso em: 3 de Fevereiro de 2020.

TRATADO DE SANHEDRIN 56b. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Sanhedrin.56b?lang=bi>. Acesso em 23 de Janeiro de 2020.

TRATADO DE SHABAT 133b. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Shabbat.133b?lang=bi>. Acesso em: 24 de Janeiro de 2020.

---

<sup>1</sup> Com a destruição do templo no século I da era comum, Rabi Iehudá Hanassi iniciou a codificação no século II de um conjunto de regras éticas, jurídicas e rituais que foram discutidas por diversos eruditos hebreus nos séculos seguintes. As duas variantes do Talmude, o *yerushalmi* (de Jerusalém) finalizado no séc. IV e o babilônico concluído século V, regem a vida dos judeus observantes.

<sup>2</sup> Neuropsiquiatra austríaco e fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, a Logoterapia e Análise Existencial.

<sup>3</sup> O filósofo medieval Maimônides (1138-1204) afirma que seis das sete leis noaicas foram originalmente dadas a Adão, o primeiro homem. Noé, o único sobrevivente bíblico do dilúvio, ao receber a permissão de matar animais para o consumo, recebeu o sétimo mandamento divino que lhe proibia de comer um animal vivo. De forma mais ampla, esse último mandamento implica na necessidade do ser humano demonstrar moderação para satisfação de seus desejos (MAIMÔNIDES, 2000).

<sup>4</sup> "Just as He is compassionate and merciful, so too should you be compassionate and merciful" (Shabat 133b). *Shabat* é o primeiro tratado de *Mo'ed* (solenidades) no talmude babilônico. O tratado trata das leis e regulamentos do sábado (<https://www.sefaria.org/Shabbat.133b?lang=bi>).

<sup>5</sup> Ao explicar essa passagem de Daniel, o Talmude (Sanhedrin 93b-94a) afirma que aqueles que estavam com o profeta não tiveram a visão, mas sua fonte espiritual (*mazal*) foi capaz de enxergar, por isso fugiram.

<sup>6</sup> Os atributos da alma são divididos em três faculdades intelectuais (*Chochmá* – sabedoria, *Biná* – entendimento e *Da'at* – conhecimento) e sete emocionais (*chesed* – bondade, *Guevura* – justiça ou severidade, e *Tiferet* – beleza ou compaixão, *Netzach* – resistência ou ambição, *Hod* – esplendor ou

---

humildade, *Yesod* - alicerce e *Malchut* – realeza ou liderança) (<http://www.chabad.org.br/tora/cabalaterapia/cab105.html>). Cada lei de Noé estaria relacionada a um atributo emocional específico e seu cumprimento refletiria os atributos divinos (Bindman, 1995).

<sup>7</sup> A bondade dirigida ao outro pode ser interessada ou não, a severidade pode se expressar como autodisciplina ou violência, etc. (Cowen, 1998).

<sup>8</sup> Judah Löw Ben Bezaleel conhecido (1525 - 1609) (apud Cowen, 2015) afirma que após a sociedade humana desrespeitar cada uma das sete leis de Noé, sete justos (*tzadikim*) retificaram essas transgressões, cada qual em sua geração: Abraão corrigiu a falta de bondade, Isaac a perversão da justiça, Jacob a blasfêmia, Levi o roubo, Kehot a idolatria, Amram o assassinato, Moisés o tratamento inadequado da natureza (Abraão, Isaac e Jacob são os patriarcas bíblicos do povo hebreu. Levi era um dos filhos de Jacob e sogro de Kehot. Kehot era pai de Amram, que por sua vez, era pai de Moisés). Estabelece-se assim uma linha temporal entre o fundador do monoteísmo e o libertador do povo hebreu do Egito.

<sup>9</sup> [...] “si la humanidad quiere encontrar un sentido que sea válido para todos, debe dar un nuevo paso. Después de haber alcanzado, hace miles de años, el monoteísmo, la fe en un solo Dios, debe llegar a creer en una sola humanidad. Hoy necesitamos más que nunca un monantropismo” (Frankl, 1994, p. 50).

Recebido em 03/07/2020, aceito para publicação em 24/09/2020.